

A INSTRUMENTALIZAÇÃO DAS FAKE NEWS NAS GUERRAS HÍBRIDAS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO GOLPE NA BOLÍVIA (2019)

The Instrumentalization of Fake news in Hybrid Wars: an analysis based on the Coup in Bolivia (2019)

Maria Beatriz Oliveira da Silva¹

Ana Elisi Carbone Anversa²

Thomaz Delgado De David³

¹Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. **E-mail:** biabr@hotmail.fr. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-0688-9982>

²Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. **E-mail:** anaelisianversa@gmail.com. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-5782-4973>.

³Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. **E-mail:** thomaz_delgado@hotmail.com. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-8402-0989>.

Recebido em: 10 jun. 2021 | Aceito em: 19 set. 2021.

RESUMO

Considerando as transformações do capitalismo e a reconfiguração do imperialismo, as Guerras Híbridas surgem no século XXI como parte de uma nova estratégia para a desestabilização política da periferia global. Sua tática mescla diferentes tipos de ataques, inclusive virtuais, com a finalidade de destituir governantes e realinhar politicamente os países atingidos aos interesses do centro global, especialmente dos Estados Unidos. À vista disso, o presente artigo objetiva identificar como as *fake news* foram instrumentalizadas na Guerra Híbrida contra a Bolívia, que culminou na renúncia do então Presidente Evo Morales, em 2019. Para tanto, emprega-se o método de abordagem materialista histórico-dialético, o método de procedimento histórico e a técnica de pesquisa documental. Os resultados obtidos apontam que a instrumentalização das *fake news* ocorreu de maneira sistemática, manipuladora e impactou a ocorrência do golpe em um contexto de Guerra Híbrida.

Palavras-chave: Guerras Híbridas; Bolívia; Estados Unidos.

ABSTRACT

Considering the transformations of capitalism and the reconfiguration of imperialism, the Hybrid Wars emerge in the 21st century as part of a new strategy for the political destabilization of the global periphery. Its tactic mixes different types of attacks, including virtual ones, with the purpose of removing governors and to politically realign the affected countries to the interests of the global center, especially of the United States. Considering this, the present article aims to identify how fake news were instrumentalized in the Hybrid War against Bolivia, which culminated in the resignation of then President Evo Morales, in 2019. In order to that, the historical-dialectical materialist approach is employed, as well as the historical procedure method and the documentary research technique. The results obtained indicate that the instrumentalization of fake news occurred in a systematic and manipulative way and impacted the occurrence of the coup in a Hybrid War context.

Keywords: Hybrid Wars; Bolivia; United States.

1. INTRODUÇÃO

No transcorrer do século XXI, o sistema capitalista passou por transformações substanciais que impactaram as relações entre centro e periferia global e reconfiguraram o imperialismo. Entre as mudanças ocorridas, destaca-se o surgimento de modos alternativos de desestabilização da periferia, por meio de novas táticas, que deram origem a uma forma de Guerra Híbrida. Esse novo modelo de batalha une diferentes estratégias de ataques, dando um grande enfoque na

virtualidade e na conseqüente propagação de *fake news*, conforme o golpe ocorrido na Bolívia, em 2019⁴.

Partindo desse conceito e da análise do contexto do imperialismo contemporâneo, o problema aqui apresentado pode ser expresso através do seguinte questionamento: como as *fake news* foram instrumentalizadas na Guerra Híbrida contra a Bolívia em 2019? Para responder tal indagação, a pesquisa utiliza o método de abordagem materialista histórico-dialético, tendo em vista que analisa a Guerra Híbrida ocorrida no referido país a partir dos aspectos concretos que ocasionaram o golpe. Além disso, a dialética apresenta-se de modo essencial, uma vez que permite um estudo sobre as contradições e desencadeamentos do referido processo político.

Como método de procedimento, emprega-se o método histórico, haja vista o uso de conceitos que exigem uma análise temporal, sobretudo o imperialismo. Ademais, utiliza-se a técnica de pesquisa documental, com base em bibliografia especializada (documentação indireta) e em fontes primárias (documentação direta). O objetivo geral é identificar de que modo as *fake news* foram instrumentalizadas na Guerra Híbrida que desestabilizou a Bolívia em 2019.

Isto posto, o artigo encontra-se estruturado em duas partes. Na primeira parte, são analisadas as reconfigurações do imperialismo e o conseqüente surgimento das Guerras Híbridas. Na segunda parte, aborda-se a instrumentalização das *fake news* na desestabilização de governos; em seguida, enfatiza-se o ocorrido no caso da Bolívia.

2. GUERRAS HÍBRIDAS: UMA NOVA FORMA DE DESESTABILIZAÇÃO POLÍTICA

É notório que o cenário geopolítico internacional tem sofrido modificações bastante significativas. Afinal, a crise econômica de 2007-2008, a ascensão emergente da China na economia e o fortalecimento financeiro e político da Rússia são apenas alguns exemplos de fatores que impactaram a reconfiguração da lógica imperialista (Stédile, 2020, p. 131).

Sendo assim, nações como os Estados Unidos têm, desde então, buscado reafirmar sua hegemonia e zona de influência, através de novas táticas de combate (Penino e Stédile, 2021). Nesse contexto, surgem as denominadas Guerras Híbridas, as quais necessitam ser analisadas nesse cenário marcado pelo imperialismo.

2.1 Reconfigurações do imperialismo e o surgimento de Guerras Híbridas no século XXI

Vários autores, à luz de seu tempo e da configuração das relações internacionais de cada época, trataram (e tratam) da questão do imperialismo. De modo geral, esse conceito expressa relações político-econômicas de dominação e de dependência entre Estados e outros atores, estruturantes e estruturadas, respectivamente, do e pelo capitalismo global.

As transformações do capitalismo global que impactam a dinâmica do imperialismo envolvem, desde a década de 1970, o surgimento de um novo regime de acumulação. A emergência desse regime, chamado de pós-fordismo, ocorre em um contexto de fragilidade do

⁴ Caracterizado por parte dos estudiosos como um golpe (VALENCIA, 2019), o ocorrido resultou na renúncia do então Presidente Evo Morales (2006-2019).

modelo de bem-estar social e de ascensão do neoliberalismo. Ainda, é caracterizado pelo deslocamento do regime de acumulação de um eixo interno para o internacional (Osório, 2018).

Nesse contexto, David Harvey (2014) aponta para novos padrões de expropriação econômica da periferia global, que envolvem a acumulação por espoliação. Essa modalidade se resume na liberação de meios de produção a baixo custo, para emprego do capital sobreacumulado⁵ e geração de lucro.

Diante disso, o imperialismo na contemporaneidade coincide, invariavelmente, com o neoliberalismo, pois este engendra o cenário pelo qual o capital sobreacumulado encontra aplicações rentáveis ao explorar a periferia global (Scotelaro, Ramos e Teixeira, 2018). Nesse sentido, Harvey (2014, p. 124) aponta que “se o capitalismo vem passando por uma dificuldade crônica de sobreacumulação desde 1973, então o projeto neoliberal de privatização de tudo faz muito sentido como forma de resolver o problema”.

Contudo, para que esse processo de expropriação econômica ocorra, é necessário que governos da periferia global internalizem as diretrizes macroeconômicas neoliberais. Assim, o imperialismo se manifesta, também, por meios extraeconômicos, promovendo a desestabilização política e o realinhamento estratégico de governos, de acordo com os interesses do centro global.

À vista desse contexto imperialista, surgem práticas que caracterizam as chamadas Guerras Híbridas, de acordo com a conceituação de Andrew Korybko (2018). Tais práticas se referem aos métodos estadunidenses para derrubar governos não alinhados aos seus interesses. Esse novo modelo de combate busca conciliar táticas regulares e irregulares em um conflito (Stédile, 2020, p. 131).

É importante destacar que essa conceituação teve inspiração nas manifestações da Primavera Árabe, que ocorreram a partir de 2010 no Oriente Médio e no norte da África e objetivaram, sobretudo, a “mudança de regime” (Visentini, 2012). Os protestos tiveram intensa mobilização popular e obtiveram o apoio declarado de diversas nações, sendo que, no que tange aos Estados Unidos, não houve somente um apoio, mas também uma grande influência para que tais manifestações ocorressem.

Como exemplo, cita-se o fato de que a OTPOR – organização de origem sérvia e atuante não só na Primavera Árabe, mas em diversas outras manifestações – distribuíra para alguns ativistas o livro *Dictatorship to democracy: a conceptual framework for liberation*, escrito pelo estadunidense Gene Sharp com a colaboração de Robert Helvey, ex-coronel do Exército dos Estados Unidos. Tal intervenção americana tornou-se ainda mais nítida quando a plataforma Voice of America – a qual era financiada pela CIA e, após, pelo governo federal – divulgou em forma de notícia a influência do texto de Sharp nas manifestações da Primavera Árabe (Korybko, 2018, pp. 65-68).

⁵ Conforme a definição de Harvey (2014), a sobreacumulação “é uma condição em que excedentes de capital (por vezes acompanhados de excedentes de trabalho) estão ociosos sem ter em vista escoadouros lucrativos”.

Essa influência se deu, para além de meios convencionais e da utilização da mídia tradicional, no campo das redes sociais:

As Forças Armadas dos EUA e as empresas privadas de tecnologia (no estudo de caso específico do livro, o Facebook) uniram forças para potencializar o efeito da guerra social em rede no século XXI. O objetivo é criar uma mente de colmeia de incontáveis indivíduos que dedicam-se na cruzada contra o governo e tornam-se “uma só mente”. A colmeia pode ser então manipulada para investidas táticas em enxame que são a manifestação da teoria do caos armatizada e contra as quais é extremamente difícil para as autoridades se preparar e repeli-las (Korybko, 2018, p. 72).

Partindo dessa constatação da interferência dos Estados Unidos na Primavera Árabe, o conceito de Guerra Híbrida surge para caracterizar as mais recentes ações (principalmente estadunidenses) que visam desestabilizar governos, em especial potências euroasiáticas. Salienta-se que essas novas táticas são menos instáveis (em termos políticos), geram menor gasto militar e podem ser divididas em: revoluções coloridas e guerras não convencionais.

A primeira etapa objetiva a mudança de regime nos países que não se alinham à potência, utilizando assim táticas não violentas de ação política, como a manipulação para a ocorrência de mobilizações populares (Souza, 2018, p. 25). Nesse viés, destaca-se que a revolução colorida usa de forma intensa as redes sociais e gera uma violência contra as autoridades do país, sendo, portanto, um caos administrado; fato esse ocorrido na Primavera Árabe (Freitas, 2019, p. 68).

Embora seu objetivo seja a queda do governo, as táticas das revoluções coloridas não devem ser tão restritivas, para que não haja um afastamento de novos simpatizantes. Desse modo, mobilizam-se pautas como: democracia, liberdade ou combate à corrupção (Stédile, 2020, p. 135).

Em contrapartida, a segunda etapa ocorre, normalmente, quando a primeira não surte o efeito desejado. Desse modo, entende-se como um golpe rígido, o qual se dá por meio de uma violência generalizada (organizada por forças não regulares) contra a nação como um todo. Diferentemente das revoluções coloridas, as guerras não convencionais, apesar de possuírem grande apoio e organização na virtualidade, ocorrem em redes físicas (Korybko, 2018, p. 97).

Além disso, retomando as bases sobre as quais se ergue a teorização em torno da Guerra Híbrida, tem-se o conceito de “Guerras de 4ª Geração”, inicialmente formulado por pensadores militares estadunidenses no final dos anos 1980. Entre esses, destaca-se William Lind, que se tornaria um dos principais teóricos da extrema-direita nos EUA.

Lind (2015), considerando as constatações do estrategista estadunidense John Boyd, aponta a existência de três níveis clássicos da guerra (estratégico, operacional e tático), os quais são acrescidos por outros três níveis nas Guerras de 4ª Geração (físico, mental e moral). Para eles, o nível físico seria o menos efetivo, enquanto o nível moral seria o mais poderoso.

Ademais, relacionando as Guerras Híbridas às Guerras de 4ª Geração, Santos *et al.* (2021) apontam que:

O que Korybko observou foi, em verdade, uma mudança substancial na própria concepção da guerra: o fim da distinção entre civis e militares, em um processo similar ao que William Lind designou como “guerras de quarta geração”, ou seja, a intensificação

da atuação “na guerra” por parte de atores desvinculados do Estado, especialmente no âmbito das campanhas de informação e desinformação direcionadas contra governos contra-hegemônicos por parte de seus próprios cidadãos.

Assim, convém chamar a atenção para o papel desempenhado pelos cidadãos nas Guerras Híbridas, na medida em que são atores centrais e cujas manifestações são usualmente consideradas espontâneas. Contudo, se, por um lado, os cidadãos são sujeitos ativos nesse processo, ao contribuírem para as referidas campanhas de informação e desinformação, por outro são também sujeitos passivos, suscetíveis à manipulação midiática, que frequentemente se vale de suas frustrações, medos e indignações e as utiliza como arma política.

Em síntese ao exposto, entende-se que o imperialismo contemporâneo se associa com novas estratégias no tabuleiro geopolítico global, dentro das quais a Guerra Híbrida se apresenta como guerra contemporânea marcada por características como fluidez, descentralização e assimetrias (Rodrigues, 2020). Em suma, a Guerra Híbrida consiste em um novo meio de desestabilização política e substituição de governos.

Embora na visão de Korybko tal conceito seja aplicado apenas às potências euroasiáticas, este artigo irá empregá-lo em um contexto diverso, tendo em vista a sua crescente utilização para a compreensão de golpes na América Latina. Nessa perspectiva, como exemplo do uso dessa nova tática de combate, tem-se o golpe ocorrido na Bolívia, que necessita ser analisado com maior atenção.

2.2 O cenário político da Bolívia e a instauração da Guerra Híbrida contra o governo de Evo Morales

O século XXI iniciou com uma ascensão tendencial de chefes de Estado de esquerda e centro-esquerda na América Latina (Levitsky e Roberts, 2011). Esse fenômeno foi denominado onda rosa e teve como marco inicial a eleição de Hugo Chávez para a Presidência da Venezuela, em 1998, e, como fim, o ano de 2014, período em que a esquerda latino-americana ainda obteve expressivas vitórias eleitorais⁶. A Bolívia fez parte dessa tendência política regional, visto que, em 2006, Evo Morales assumiu o poder por meio do partido Movimento ao Socialismo (MAS). Ressalta-se que, nesse período, o referido país reduziu de forma bastante significativa as desigualdades sociais existentes e, inclusive, alfabetizou grande parte da população:

A Bolívia converteu-se, assim, no terceiro país que conseguiu vencer o analfabetismo na América Latina, depois de Cuba, em 1961, e da Venezuela, com apoio cubano, em 2005. Os números: 819.417 pessoas alfabetizadas em um universo de 824.101 analfabetos detectados (99,5%); 28.424 pontos de alfabetização criados nos nove departamentos da Bolívia; 130 assessores cubanos e 47 venezuelanos que capacitaram 46.457 facilitadores e 4.810 supervisores bolivianos na aplicação do método audiovisual cubano “Yo sí puedo” (Rojas, 2008).

⁶ O ano de 2014 foi marcado pela eleição de Michelle Bachelet para a Presidência do Chile (para um segundo mandato), de Tabaré Vázquez para a Presidência do Uruguai, de Salvador Sánchez Céren para a Presidência de El Salvador e pela reeleição de Dilma Rousseff para a Presidência do Brasil.

Economicamente, o PIB boliviano (a preços correntes) passou de US\$ 9,57 bi, em 2005, para US\$ 43,69 bi, em 2018. Ademais, o PIB per capita (a preços correntes), que em 2005 era de US\$ 1.050, em 2018 passou a ser de US\$ 3.820 (FMI, 2019).

Ressalta-se ainda que o desenvolvimento industrial nos mandatos de Evo Morales avançou significativamente, aumentando o poder político e econômico da nação. Citam-se as medidas tomadas pelo governo em relação ao lítio, objetivando reduzir a probabilidade de tal recurso sair do país sem nenhum valor agregado, visto que a Bolívia possui a maior reserva do mundo desse mineral. Dessa maneira, fora estabelecido que, em situações como a ausência de tecnologias para a industrialização — e a conseqüente necessidade do envolvimento de multinacionais —, era preciso que a YBL (Yacimientos de Litio Bolivianos) fosse a principal sócia, os trabalhadores fossem da Bolívia e a empresa estrangeira garantisse o mercado dos produtos (Castro, Guerra e Lima Filho, 2020, pp. 111-112).

Diante desse contexto, é válido lembrar que os conflitos apresentados no cenário imperialista são, diversas vezes, parte de uma luta geopolítica por insumos para produção (Leite, 2013). Sendo assim, na medida em que o poder político e econômico da Bolívia cresceu desde 2006 (conjuntamente com avanços sociais), instaurou-se uma Guerra Híbrida contra o país.

Os antecedentes dessa guerra envolvem o investimento estadunidense, desde 2002, de US\$ 97 milhões em ONGs e entidades bolivianas, por meio da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID). O objetivo principal dessa ação era estimular os conflitos com base nas diferenças sociais, culturais e econômicas do país, uma vez que, devido ao processo colonial, a Bolívia possuía — e ainda possui — uma elite bastante subordinada aos interesses das grandes nações imperialistas, rejeitando a própria autonomia nacional (Penido e Stédile, 2021, p. 91).

A Guerra Híbrida começou a ganhar forma em 2016, quando o governo realizara um plebiscito, a fim de consultar os cidadãos sobre a possibilidade de Evo Morales se candidatar ao quarto mandato consecutivo. Devido a um cenário de extremos ataques e *fake news* (as quais serão analisadas posteriormente), a candidatura fora negada, com 51% dos votos. Todavia, em 2017, o Tribunal Constitucional Plurinacional defendeu o direito de o até então presidente, assumir o quarto mandato consecutivo, fundamentando que se candidatar era um direito humano⁷, independente de restrições estatais (Bello, 2018, p. 161).

A partir da decisão do Tribunal, Evo Morales concorreu à presidência em 2019 e obteve êxito na eleição. Com a sua vitória, instaurou-se no país um questionamento sobre os resultados eleitorais e manifestações violentas aparentemente “pela liberdade” foram realizadas e propagadas nas redes sociais (Penido e Stédile, 2021, pp.92-93).

⁷ Foi afirmado que a legislação boliviana, ao limitar a quantidade de vezes que um cidadão pode ocupar um cargo público, impedia que os direitos políticos fossem exercidos plenamente. Dessa forma, referenciou-se o Pacto de San José da Costa Rica, o qual determina em seu artigo 23 que todos os cidadãos devem ter o direito de ser eleitos e que, portanto, apresenta entendimento mais favorável aos direitos políticos do que a Constituição Boliviana (LUIGI, 2020).

Além disso, policiais e militares se uniram como forças paramilitares, atacando familiares de agentes do governo e demais movimentos. Como exemplo dessas ações, tem-se a tortura realizada contra Arce Guzman (prefeita filiada ao MAS) amplamente divulgada nas mídias sociais. Ressalta-se, nesse viés, que as forças regulares não agiram para combater tais atos, sendo, portanto, coniventes, mesmo que de forma tácita, ao golpe (Penido e Stédile, 2021, p. 93).

Foi diante desse contexto que Evo Morales, após pressão das forças armadas, renunciou ao cargo, fazendo com que Jeanine Añez ascendesse ao poder por meio de uma Assembleia Legislativa Plurinacional, que, além de ter violado os artigos 161 e 169 da Constituição Política do Estado⁸, não obteve o quórum previsto pelo regimento interno (Leonel Júnior, 2021, p. 9).

A aparência de legitimidade do golpe tornou-se maior quando, no dia 04 de dezembro de 2019, a OEA (Organização dos Estados Americanos) emitiu um relatório, alegando fraude nas eleições bolivianas, uma vez que houve "manipulação maliciosa" e "graves irregularidades". Segundo a Organização, ocorreram mudanças nas atas e falsificação das assinaturas dos jurados do painel. Ademais, afirmou que existiu um direcionamento de dados e processamento de resultados para dois servidores ocultos e, conseqüentemente, não controlados pelo Supremo Tribunal Eleitoral. Salientou, ainda, a ausência de proteção das atas, bem como a perda de material sensível (OEA, 2019). A partir desse cenário, meses após o golpe, foi divulgada uma pesquisa independente, a qual comprovava que o relatório era incorreto:

A Organização dos Estados Americanos, políticos bolivianos e pesquisadores acadêmicos apontaram a contagem tardia de votos como indicativo de fraude na eleição presidencial boliviana de outubro de 2019 - com conseqüências políticas dramáticas (Crisis Group, 2020). Nós, em vez disso, podemos explicar a mudança pro-incumbente na parcela de votos sem invocar fraude. A maior parte da mudança decorre de apenas duas características observáveis de distritos: região e ruralidade. E o que parecia ser uma "onda de última hora" na participação de voto do titular - que a OEA (2019a) apresentou como indicativo de negligência - era, na verdade, o artefato de erros metodológicos e de codificação (Idrobo, Kronick e Rodríguez, 2020, p. 19, *tradução nossa*).

Ademais, é importante destacar a influência dos Estados Unidos nesse processo. Afinal, os militares que participaram do golpe, inclusive Williams Kaliman (responsável pela "sugestão" da renúncia a Morales), foram treinados no Instituto de Segurança do Hemisfério Ocidental, na Georgia. Tal instituição é a antiga Escola das Américas, "mantida pelos EUA durante décadas em seu enclave na Zona do Canal do Panamá e usada para a formação de toda uma geração de ditadores latino-americanos" (Penido e Stédile, 2021, p. 93).

Para além, passa-se a investigar as interferências estadunidenses no meio digital, principalmente por meio das fake news, as quais, conforme se verá a seguir, são um elemento essencial na instauração das Guerras Híbridas.

⁸ O artigo 161 prevê as funções da Assembleia Legislativa Plurinacional, sendo que nenhuma delas diz respeito à ascensão de um governo interino. Já o artigo 169 expõe que, diante da ausência do Presidente do Estado, deve assumir o vice-presidente. Não havendo vice, pelo Presidente do Senado. Na ausência deste, pelo Presidente da Câmara dos Deputados. Em último caso, eleições devem ser convocadas, com um prazo máximo de 90 dias (Estado Plurinacional da Bolívia, 2009).

3. FAKE NEWS E GUERRAS HÍBRIDAS: UMA UNIÃO INDISSOLÚVEL

Diante do exposto até aqui, constatou-se que o êxito das Guerras Híbridas está associado à mescla de táticas variadas de combate, sendo uma delas a utilização dos meios digitais. Ou seja, ciber-ataques, *bots*⁹ e manipulação de algoritmos tornam-se extremamente comuns nesse contexto.

Nesse sentido, um dos maiores exemplos de estratégias virtuais para a vitória na Guerra Híbrida são as *fake news*. Afinal, são elas que possibilitam que seja criado um cenário de acordo com os interesses das nações imperialistas, o qual colabora para aplicação dos golpes.

3.1 Das revoluções coloridas às guerras não convencionais: as fake news como instrumentos de desestabilização de nações

Inicialmente, é necessário pontuar que as redes sociais exercem um papel fundamental no desenvolvimento das Guerras Híbridas: tanto como elemento central (revoluções coloridas), quanto como aparato organizativo (guerras não convencionais). Essa importância torna-se ainda maior, uma vez que é por meio das redes que se dissipam as *fake news*, as quais são normalmente associadas a notícias e rumores que transmitem desinformação e que assim exercem uma função decisiva nos cenários políticos das nações (Recuero; Gruzd, 2019).

Bente Kalsnes (2018) estrutura as *fake news* em quatro aspectos: caracterização, criação, circulação e combate. Na primeira etapa, o autor ressalta que há controversa na definição do termo, já que alguns pesquisadores se baseiam no formato e na facticidade da informação, enquanto outros consideram apenas a intenção do emissor. A segunda etapa, por sua vez, refere-se aos motivos para a produção das *fake news* (sejam eles políticos, econômicos etc). Já a circulação, diz respeito ao meio pelo qual esses conteúdos foram espalhados, sendo que o virtual é o mais utilizado. Por fim, o combate relaciona-se com as ferramentas utilizadas para detectar e combater essas informações.

Além disso, ressalta-se que o termo “fake news” popularizou-se principalmente com as eleições estadunidenses de 2016, tendo em vista que a campanha de Donald Trump foi bastante fundada nesse uso. Afinal, somente no Twitter, 6% de todo o consumo de notícias era baseado em informações falsas. A problemática se agrava ainda mais, à medida que se percebe que tais dados eram extremamente concentrados: somente 1% dos usuários teve contato com cerca de 80% das fake news. Além disso, 0,1% dos internautas da plataforma foram responsáveis pelo compartilhamento de 80% das notícias falsas (Grinberg *et al*, 2019).

Diante da conceituação do vocábulo e do contexto de popularização do seu uso, torna-se importante ressaltar também que as *fake news* podem ser divididas em sete modelos:

⁹ “Programas de computador criados para automatizar tarefas e procedimentos repetitivos em ambiente digital” (Michalski; Paula, 2019, p. 1).

1) Sátira ou paródia: não existe intenção de causar mal, mas há potencial para fazê-lo; 2) Conteúdo enganoso: uso enganoso de informações para prejudicar uma pessoa ou assunto; 3) Conteúdo impostor: quando fontes genuínas são personificadas; 4) Conteúdo fabricado: o novo conteúdo é 100% falso, projetado para enganar e causar danos. 5) Falsa conexão: quando manchetes, imagens ou legendas não correspondem fielmente ao conteúdo; 6) Falso contexto: quando um conteúdo genuíno é compartilhado com falsas informações contextuais. 7) Conteúdo manipulado: quando informações ou imagens genuínas são manipuladas para enganar (WARDLE, 2017, *tradução nossa*).

A partir dessa classificação, destaca-se que uma única *fake news* pode, simultaneamente, ser contemplada por mais de uma categoria, sendo que, independentemente do setor em que se enquadre, a maioria delas pode fazer “parte de um esquema que dissemina calúnia, injúria, difamação e ódio para satisfazer crenças de seus consumidores” (D’Ávila, 2020, p. 33). E é justamente por meio desse sistema odioso que a Guerra Híbrida se instala, tornando-se necessária uma análise detalhada de como as *fake news* são utilizadas em cada processo desse combate.

Embora seja usada nas duas etapas, é na revolução colorida que tal ferramenta surte mais efeito. Afinal, antes mesmo de se instaurar de fato o referido processo, a nação imperialista já objetiva conquistar “corações e mentes”, realizando uma mudança no pensamento da população do país alvo, através de guerras de informação e psy-ops (operações psicológicas) (Freitas, 2019, p. 11). Nesse sentido, cria-se uma rede massiva de propagação de *fake news*, até que se chegue a um momento no qual grande parte dos cidadãos não saiba mais o que é verdade ou mentira (Souza, 2020, p. 157).

Em relação às psy-ops, é importante salientar que inúmeras agências de inteligência estadunidenses as aplicam, objetivando realizar a manipulação dos cidadãos dos países alvos “por meio de falsas informações, geração do terror e outros mecanismos que podem aumentar a hostilidade de setores populares ao governo-alvo ou que provoquem desequilíbrio psíquico e pânico social, produzindo como resultado desejado a inação” (Freitas, 2019, p. 11). Ou seja, mesmo sabendo que as *fake news* podem ser criadas e dissipadas por pessoas, no contexto das guerras híbridas elas são, na maioria das vezes, originadas por determinadas agências e transmitidas massivamente por bots. Nesse cenário, o uso dos robôs dá uma aparência de realidade às notícias, haja vista que a constante propagação gera um grande número de sites falsos e, conseqüentemente, uma espécie de onipresença, que era, antigamente, uma característica apenas das reportagens factuais (Soeiro, Araújo e Matos, 2020, p. 64).

Apesar de serem mais utilizadas nas revoluções coloridas, as *fake news* também exercem influência nas guerras não convencionais, nas quais se objetiva desestabilizar de forma mais incisiva cinco eixos: liderança, bases do sistema, infraestrutura, população e mecanismos de combate. Diante disso, usufrui-se da internet para realizar investidas por enxame (que são ataques intensos e coordenados), bem como para tentar convencer determinados cidadãos (principalmente aqueles integrantes das redes formadas nas revoluções coloridas) a participarem do combate (Korybko, 2019, p. 81). E é justamente nessa tentativa de convencimento que as *fake news* são utilizadas, repetindo-se o processo já descrito na etapa antecedente.

Vale ressaltar ainda que, em muitos casos, após a aplicação dos golpes (quando determinado governo é deposto), as *fake news* continuam exercendo uma função importante, uma vez que são as responsáveis por propagar uma ideia de legitimidade e legalidade ao ocorrido. Sendo assim, bots dissipam mensagens de apoio aos novos presidentes e negam o golpe, a fim de institucionalizar o novo governo (Penido e Stédile, 2021, p. 94)

Diante do exposto, entende-se que as *fake news* são utilizadas nas Guerras Híbridas, a fim de manipular a população local e, conseqüentemente, a política dessas nações não coniventes aos interesses estadunidenses. Nessa senda, resta entender de que maneira tal instrumentalização ocorreu na Bolívia em 2019.

3.2 Um estudo acerca da instrumentalização das *fake news* para o golpe na Bolívia (2019)

A utilização das *fake news* na Bolívia não ocorreu somente em 2019, haja vista que, conforme já analisado, o golpe foi uma construção. Ou seja, foi um fato que se desenvolveu aos poucos, sendo que a renúncia presidencial fora somente o “ápice” de uma série de outras ações da Guerra Híbrida.

Em 2016, por exemplo, às vésperas do plebiscito que consultou a população sobre a possibilidade de Evo Morales concorrer a mais um mandato, a oposição propagou inúmeras notícias falsas, sendo que a mais debatida era que o presidente tinha um filho com Gabriela Zapata e que tentara esconder a morte da criança. Outras acusações afirmavam que o filho de Morales estava em “exílio” no exterior, visando a sua segurança. Todavia, após uma série de investigações, descobriu-se que, na realidade, a referida criança nunca sequer existiu (Valença, 2017, *apud* El Cartel de la Mentira, 2016). Essa notícia e o cenário de incerteza e caos gerado por ela foram, em grande medida, responsáveis pela perda de Morales no plebiscito, o qual influenciou significativamente no desenrolar do golpe.

Desse modo, entende-se que a influência do “caso Zapata” se deu, principalmente, por questões psicossociais. Afinal, a relação do indivíduo com os fatores que o circundam é determinante para a formação da identidade subjetiva, uma vez que é a partir disso que se cria uma noção de responsabilidade (Barbosa, 2018). Nesse sentido, a oposição política de Morales, estrategicamente, aproveitou-se desse sentimento de obrigação para com o outro e de indignação (os quais são ainda mais intensos por se tratar de uma notícia envolvendo criança) para “conquistar corações e mentes”, característica central da Guerra Híbrida.

Ademais, é importante citar a invasão ocorrida em 2019 na TV Bolívia, a qual sofreu um “apagão informativo”, permitindo que houvesse uma ênfase maior na internet e na propagação de desinformações e *fake news*. Foi logo após essa tomada que os manifestantes utilizaram intensamente o Twitter e o Facebook, objetivando criar um cenário (falacioso) anti-governo e, conseqüentemente, dar legitimidade ao golpe (Guevara, 2019).

Diante dessa constante utilização das redes sociais e de *bots*, começou a se investigar a influência dos EUA e a instrumentalização das *fake news* no processo de Guerra Híbrida. Isso porque, em 2020, o próprio governo interino assumiu a contratação de uma empresa

estadunidense —a CLS Strategies— acusada de espalhar *fake news* e desvirtuar o debate democrático (Laing, 2020).

Nesse prisma, é importante salientar também a advertência do Facebook, a qual expôs que a empresa estadunidense promovia, por meio de diversos perfis falsos, campanhas em apoio ao governo interino da Bolívia, bem como oposição a Nicolás Maduro —presidente da Venezuela— e ao partido do presidente do México, Andrés Manuel López Obrador (O Globo, 2020).

Com essa propagação de *fake news*, os perfis de Jeanine Áñez e Luis Fernando Camacho (presidente do Comitê Cívico de Santa Cruz, responsável por convocar paralisação cívica e por ser forte oposição ao governo de Morales) cresceram subitamente, sendo que grande parte desses seguidores foram perfis criados apenas em novembro. Ainda em relação aos perfis falsos, ressaltase que no Twitter houve diversas campanhas promovidas por robôs, citando-se como exemplo a utilização da hashtag: “#NoFueGolpeFueFraude”¹⁰ (Penido e Stédile, 2021, p. 94).

Para além, com o intuito de demonstrar a operacionalização das *fake news* no contexto do golpe na Bolívia, realizou-se um levantamento de dados através da plataforma “Bolivia Verifica”. Tal plataforma atua de modo independente, sem fins lucrativos ou orientação política, com o objetivo de verificar a veracidade/falsidade de notícias e de discursos que apresentam repercussão social, combatendo a desinformação e favorecendo a participação democrática (Bolivia Verifica, 2021).

Os dados analisados correspondem ao período de 1º de setembro a 10 de outubro de 2019. A data inicial escolhida inaugura o mês de ocorrência das eleições no país, enquanto a data final selecionada corresponde à renúncia do então Presidente Evo Morales. Ao todo, foram coletadas 108 publicações da plataforma, das quais 71 foram verificadas como *fake news*, por conterem informações falsas ou enganosas, enquanto 36 foram verificadas como verdadeiras e 1 não verificada.

A partir disso, as *fake news* (amostra de interesse) foram divididas entre aquelas que apresentaram (categoria 1) e aquelas que não apresentaram (categoria 2) potencial prejuízo à eleição e ao governo de Evo Morales e estímulo ao golpe na Bolívia¹¹. A categoria 1 conta com 37 *fake news*, enquanto a categoria 2 conta com 34.

Considerando-se as *fake news* da categoria 1, cabe destacar, a título exemplificativo, alguns de seus conteúdos: a) Carlos Mesa utiliza notícia de 2017 para criticar o sistema de saúde boliviano e o então Presidente Evo Morales por “se tratar em clínicas de luxo no exterior”, referindo-se ao tratamento de um nódulo na garganta realizado em Cuba; b) Evo Morales e outras lideranças políticas de esquerda na América Latina são apontados como titulares de contas

¹⁰ A hashtag “NoFueGolpeFueFraude” manifesta que não houve golpe contra o governo eleito, mas uma fraude eleitoral que resultou na sua eleição.

¹¹ Dada a proximidade entre as eleições presidenciais e o golpe contra Evo Morales, opta-se por classificar as *fake news* em relação a esse conjunto de eventos.

bancárias no Banco do Vaticano; c) A contagem das cédulas eleitorais na Bolívia é questionada, sob a alegação de que alguns rabiscos ou algumas palavras seriam indevidamente contados a favor de Evo Morales; d) É atribuída à Evaliz Morales, filha de Evo Morales, a afirmação de que os potosinos são covardes e medíocres por agredir o seu pai; e) É apontada uma “milagrosa aparição” de 4 mil votos a favor do MAS em uma mesma mesa de votação em Tarija; f) Um deputado chileno declaradamente alinhado a Morales é apontado como auditor eleitoral da OEA; g) O governo de Morales é acusado de suspender o pagamento da polícia, das forças armadas e do magistério; h) É atribuído a Morales a autoria de um tweet segundo o qual ele não iria renunciar mesmo diante de “uma dezena, duas dezenas ou mil mortos”, afirmando ainda que iria expulsar do país “os universitários e os médicos”; i) É atribuído ao apresentador de televisão Leonel Fransezze um tweet que se refere a Morales como ditador e remete aos dias obscuros na Bolívia.

Considerando tais exemplos, nota-se que os cidadãos (excetuando as atividades de *bots*) assumiram um protagonismo no compartilhamento de *fake news*, as quais eram relacionadas não somente às decisões políticas de Morales, mas também a sua vida pessoal. Assim, entende-se que o estímulo ao “julgamento moral” foi uma das principais ferramentas utilizadas para a manipulação psicológica dos indivíduos, objetivando a desestabilização política da Bolívia e, conseqüentemente, o êxito da Guerra Híbrida instaurada.

Diante do exposto, entende-se que, em um primeiro momento, as *fake news* na Bolívia foram utilizadas para incitar a contradição e o sentimento de revolta na população (principalmente com o caso envolvendo o suposto filho de Morales). Após a Guerra Híbrida ser de fato estabelecida, tais ferramentas foram instrumentalizadas a fim de institucionalizar o golpe, dando uma aparência de legalidade e legitimidade, sendo utilizadas inclusive quando Jeanine Áñez já estava no poder.

CONCLUSÃO

Entende-se que as Guerras Híbridas estão sendo cada vez mais utilizadas, tendo em vista que obtêm êxito em diversas situações e unem diferentes táticas de combate — como as *fake news*. Isto posto, conclui-se que os fatos ocorridos na Bolívia, que culminaram na renúncia de Evo Morales, foram um exemplo desse novo modelo de ataque deliberado e sistemático

No que tange às *fake news*, sabe-se que elas são amplamente instrumentalizadas nas Guerras Híbridas, sendo as principais responsáveis por “conquistar corações e mentes”, especialmente nas revoluções coloridas (primeira etapa do combate). Na Bolívia, embora ainda não seja comprovado um patrocínio direto dos Estados Unidos na disseminação das notícias falsas que contribuíram para o golpe, a contratação da CLS Strategies sugere algum grau de influência.

Além disso, a análise dos dados obtidos através da plataforma “Bolivia Verifica” permite visualizar que um conjunto de *fake news* apresentou potencial prejuízo à eleição e ao governo de Evo Morales e estímulo ao golpe na Bolívia. Algumas dessas *fake news* foram expostas de forma mais detalhada, a fim de exemplificar a manipulação política da população boliviana, realizada, sobretudo, por meio da incitação ao julgamento moral.

Por fim, salienta-se que a dúvida gerada em torno da origem do patrocínio não exclui a afirmação de que houve Guerra Híbrida na Bolívia, tendo em vista o método de desestabilização utilizado e a interferência estadunidense, que se deu de diversas outras maneiras (desde o patrocínio da USAID, em 2002, até o treinamento de militares pelo Instituto de Segurança do Hemisfério Ocidental). Apesar dessa constatação, é necessário o cuidado para que não haja um “esvaziamento” do termo Guerra Híbrida, haja vista que, consoante analisado nessa pesquisa, trata-se de um conceito que possui características bastante específicas.

REFERÊNCIAS

Barbosa, E. (2018). *Fake News e Subjetividade: a psicologia social no caso Marielle Franco*. *Anais do XIV Encontro de Iniciação Científica da UNI7*, 8(1). Disponível em: <https://periodicos.uni7.edu.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/616> [Acesso em: 03 set. 2021].

Bello, E. (2018) *A cidadania no constitucionalismo latino-americano*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris.

Bolivia Verifica (2021) *Bolivia Verifica*. Disponível em: <https://boliviaverifica.bo/> [Acesso em: 03 setembro 2021].

Castro, F. S. M D.; Guerra, S. M. G.; Lima Filho, P. A. D. (2020) ‘Bolívia pré-golpe: notas de um estudo de campo’. *Fim do Mundo*, (1), pp. 104-133. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RFM/article/view/10188> [Acesso em: 20 abr. 2021].

D’Ávila, M. (2020) *E se fosse você? sobrevivendo às redes de ódio e fake news*. Porto Alegre: Instituto E se Fosse Você.

Estado Plurinacional da Bolívia. (2009) *Constitución Política del Estado Plurinacional de Bolívia*. Disponível em: <https://tcpbolivia.bo/tcp/sites/default/files/images/pdf/CPE/CPE%20Aymara.pdf> [Acesso em: 23 maio 2021].

FMI (2019). *World Economic Outlook, April 2019. Growth Slowdown, Precarious Recovery*. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2019/03/28/world-economic-outlook-april-2019#Full%20Report%20and%20Executive%20Summary> [Acesso em: 25 abril 2021].

Freitas, I. (2019) *Guerra híbrida contra o Brasil*. Porto Alegre: Liquidbook.

Grinberg, N., et al (2019). *Fake news on Twitter during the 2016 U.S. presidential election*. *Science*. Disponível em: <https://www.science.org/doi/abs/10.1126/science.aau2706> [Acesso em: 02 setembro 2021].

Guevara, C. F. (2019) *Cinco estratégias da guerra híbrida na Bolívia*. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/noticia/cinco-estrategias-da-guerra-hibrida-na-bolivia> [Acesso em: 02 abril 2021].

Harvey, D. (2014) *O novo imperialismo*. São Paulo: Loyola.

Idrobo, N.; Kronick, D.; Rodríguez, F. (2020) *Do Shifts in Late-Counted Votes Signal Fraud? Evidence From Bolivia*. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=3621475> [Acesso em: 19 maio 2021].

Kalsnes, B. (2018). 'Fake news'. *Oxford Research Encyclopedias*. Disponível em: <https://oxfordre.com/communication/view/10.1093/acrefore/9780190228613.001.0001/acrefore-9780190228613-e-809> [Acesso em: 02 set. 2021].

Korybko, A. (2018) *Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes*. Trad: Thyago Antunes. São Paulo: Expressão popular.

Laing, A. (2020). *Bolívia contrata empresa de lobby acusada pelo Facebook de fake news*. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/bolivia-empresa-lobby-idBRKBN25V02U-OBRIN> [Acesso em: 01 maio 2021].

Leite, L. D. M. (2014) 'Sobre as teorias do imperialismo contemporâneo: uma leitura crítica'. *Economia e Sociedade*. 23(2), pp. 507-534. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ecos/v23n2/0104-0618-ecos-23-02-0507.pdf> [Acesso em: 04 abr. 2021].

Leonel Júnior, G. (2021) 'Os dez anos da constituição do Estado Plurinacional da Bolívia: resistir entre a pandemia e um golpe'. *Culturas Jurídicas*, 8, pp. 1-18. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/article/view/47129/28685> [Acesso em: 03 abr. 2021].

Levitsky, S.; Roberts, K. M. (2011) Latin America's "left turn": a framework for analysis. In: Levitsky, S.; Roberts, K. M. (Orgs.). *The resurgence of Latin American left*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.

Lind, W. S. (2015). *4th Generation Warfare Handbook*. Kouvola: Castalia House, 2015.

Luigi, R. (2020) 'A crise na Bolívia: da renúncia do presidente Evo Morales à convocação de novas eleições'. *Boletim de Conjuntura*, 1(3), pp. 34-40. Disponível em: <https://revista.ufr.br/boca/article/view/Luigi/2837#> [Acesso em: 25 maio 2021].

Michalski, R.; Paula, L. T. D. (2019) 'Os bots de disseminação de informação na conjuntura das campanhas presidenciais de 2018 no Brasil'. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, 9(1), pp. 1-16. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/17048/13818> [Acesso em: 05 abr. 2021].

O globo (2020). *Governo interino da Bolívia admite ter contratado empresa acusada de promover fake news*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/governo-interino-da-bolivia-admite-ter-contratado-empresa-acusada-de-promover-fake-news-24624561> [Acesso em: 05 abril 2021].

OEA (2019). *Informe final – análisis de integridad electoral elecciones generales en el Estado Plurinacional de Bolivia*. Disponível em: <http://www.oas.org/es/sap/deco/Informe-Bolivia-2019/> [Acesso em: [23 abril 2021].

Osório, L. F. (2018) *Imperialismo, Estado e Relações Internacionais*. São Paulo: Ideias & Letras.

Penido, A.; Stédile, M. E. (2021) *Ninguém regula a América: guerras híbridas e intervenções estadunidenses na América Latina*. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Rosa Luxemburgo.

Recuero, R.; Gruzd, A. (2019). 'Cascatas de *Fake news* Políticas: um estudo de caso no Twitter'. *Galaxia* (41), pp. 31-47. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/Kvxg4btPzLYdxXk77rGrmJS/?lang=pt> [Acesso em: 02 set. 2021].

Rodrigues, B. S. (2020) Guerra Híbrida na América do Sul: uma definição das ações políticas veladas. *Sul Global*, 1(1), pp. 139-168. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/sg/article/view/31949/pdf> [Acesso em: 03 set. 2021].

Rojas, R. (2008). *Bolívia é o terceiro país da América Latina Livre de analfabetismo*. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Bolivia-e-o-3%B0-pais-da-America-Latina-livre-de-analfabetismo%0D%0A/6/14577> [Acesso em: 25 abril 2021].

Santos, J. P., et al (2021) Entre golpes brandos e rígidos: uma análise crítica do livro *Guerras Híbridas* de Andrew Korybko. *Princípios*, n. 161, pp. 197-219. Disponível em: <https://revistaprincipios.emnuvens.com.br/principios/article/view/129/57> [Acesso em: 03 set. 2021].

Scotelaro, M.; Ramos, L.; Teixeira, R. C. (2018) Acumulação por despossessão, novo imperialismo e neoliberalismo: notas sobre David Harvey e o Internacional. In: Bugiato, C.; Garcia, Ana (Orgs.). *Dossiê "Marxismo e Relações Internacionais"*. Crítica Marxista, n. 46, p. 163-172.

Soeiro, T. D. M.; Araújo, J. G. D. N.; Matos, F. J. S. D. (2020) 'Guerras híbridas e fake news: a escalada da autoverdade'. *Movimentos sociais e dinâmicas espaciais*, 9 (2), pp. 55-69. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistamseu/article/view/247421/37244> [Acesso em: 30 abr. 2021].

Souza, J. (2020). *A guerra contra o Brasil*. Rio de Janeiro: Estação Brasil.

Souza, M. M. (2018) 'Revoluções Coloridas e o golpe no Brasil em 2016'. *Terra Livre*, 2(51), pp. 16-53. Disponível em: <http://agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/1519> [Acesso em: 31 mar. 2021].

Stédile, M. E. (2020) 'A Aplicação das Guerras Híbridas no Brasil'. In: Coletivo Andorinha (Org.). *O Brasil contemporâneo e a democracia*. Lisboa: Le Monde Diplomatique Portugal, pp. 131-152.

Valença, D. A. (2017) *Disjuntivas do Processo de Cambio: o avanço das classes subalternas, as contradições do Estado Plurinacional da Bolívia e o horizonte do socialismo comunitário*. 2017. 404 f. Tese de Doutorado, Direito/Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11841?locale=pt_BR [Acesso em: 01 abr. 2021]

Valencia, A. S. (2019) 'Bolivia: del progresismo al golpe de Estado y la réplica de Guaidó'. *Marx e o Marxismo*, 7(13), pp. 431-434. Disponível em:

<https://www.nieparx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/issue/view/15> [Acesso em: 01 abr. 2021].

Visentini, P. F. (2012) *A primavera árabe: entre a nova democracia e a velha geopolítica*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2012.

Wardle, C. (2017). *Fake news. It's complicated*. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/latest/fake-news-complicated/> [Acesso em: 31 março 2021].